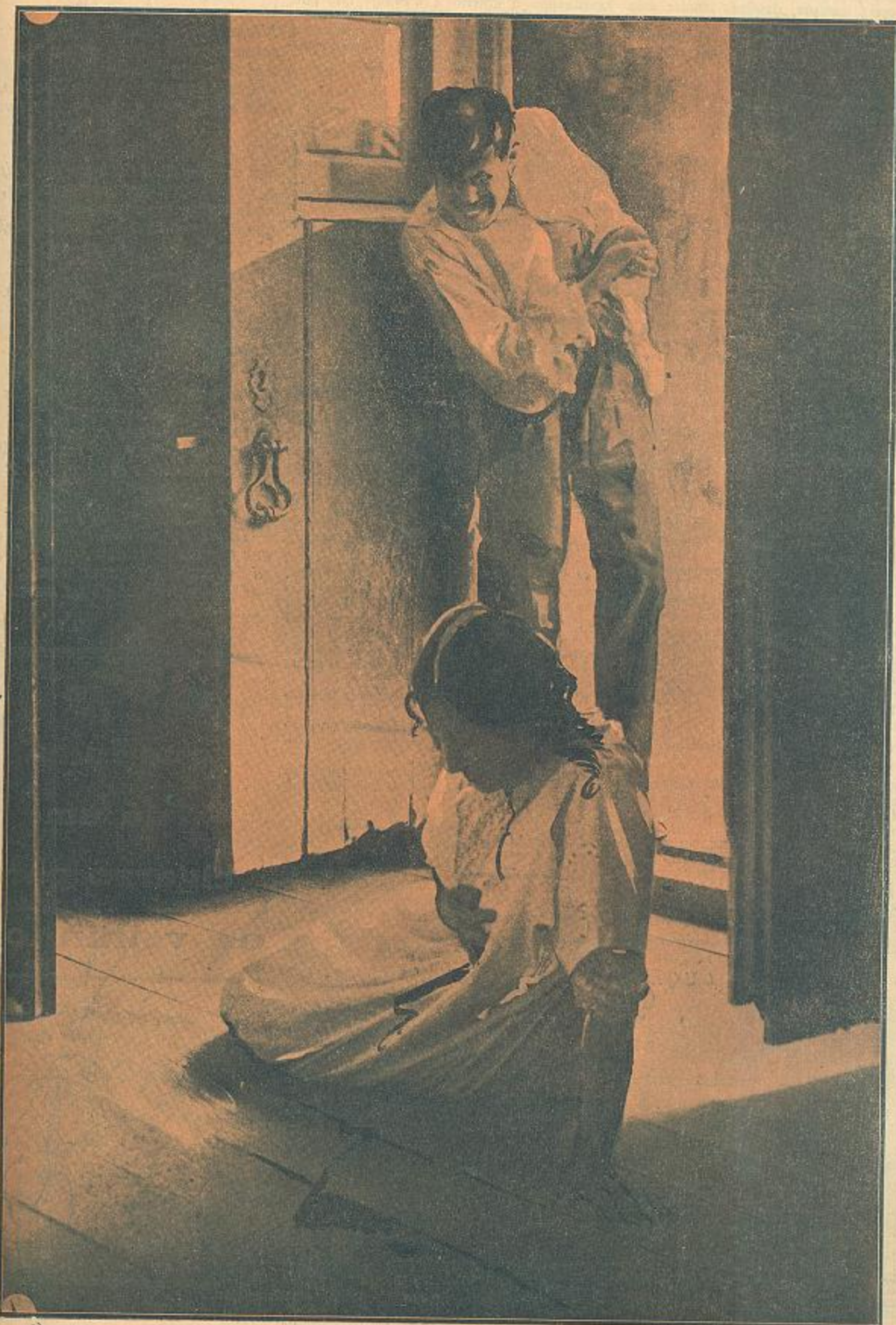
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 85 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V - 18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

UM "RECORD" DE SANGUE! 84 FACADAS EM 10 MINUTOS!

(Um caixoteiro, apoz uma altercação com a sua companheira, aplica-lhe 41 facadas, ferindo-se depois a si com 43 golpes.)

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 29 DE AGOSTO DE 1926 — N.º 85

PROPRIEDADE DA EMPRESA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. – CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

questão prévia

OS «tipos populares» são um fraco de Lisboa. Da costela de senhorio, que nos veiu no tempo em que eramos gente grande na Europa, nos ficou certamente o gosto de gargalhar e vaiar bôbos, que nos divirtam com as suas loucuras, as suas manias, as suas deformidades de corpo e de espirito.

Lisboa precisa de ter sempre o seu «tipo popular». Quasi que chega a ser um modo de vida o prégar dislastes ás esquinas, o ter cabeça d'agua e dizer cantigas em voz gaga, o ser maluquinho, emfim. Se fosse nos tempos em que o municipio era uma instituição fundamente democratica, o povo de Lisboa certamente exigiria que a Senhora Camara por seus cofres abonasse um salario aos «tipos populares», para que nunca faltasse a mesteirais, colarejos e rapazio o gaudio franco das ruas com bobices que nem os reis os gosariam mais divertidos em seus Paços.

A apoteose que coroou a congestão misericordiosa que libertou desta vida o «Menino do Castelo» é um evidente pano de amostra do sentimento extranho que Lisboa nutre pelos seus tipos das ruas. Prantearam-no as mulheres, lamentando no soalheiro das fabricas e lavadouros:

—Coitadinho! E' mais um «desinfeiiz» a menos...

Os homens, na taberna, enxugando a boca ás costas da mão, tambem tiveram uma evocação triste, a proposito do pobre idiota que vendia cautelas:

—Coitado! Era reinadio... E dava cada atração ás varinas!...

A imprensa, quasi grata ao «Menino do Castelo» por ter morrido numa altura em que o assunto falha e a Censura aperta, publicou-lhe a biografia e o retrato e por pouco esteve para dar o diametro exacto da sua macrocefalia. O seu funeral teve honras de segunda pagina e não será demais admitir que algum reporter fotografico tenha arquivado o saimento funebre, a formação dos turnos ou a multidão densa dum milhar de pessoas, que acompanhou ao coval o cauteleiro-patetinha.

Quem só pela morte do «Menino do Castelo» avaliou da sua vida de tipo popular ha-de crêr que, com tantas simpatias que na morte o seguiram, a vida lhe teria decorrido facilitada por um carinho constante e uma protecção permanente.

Se todos os que lhe seguiram o ataude modesto, em compungida póse de quem leva a enterrar uma grande afeição, lhe tivessem comprado ao menos uma cautela em cada loteria, ao pobre diabo teria sido poupado, em grande parte, o duro calvario das ruas, das danças bôbas com que divertia os bebedores das tabernas e das cantigas sem trelho que interrompia a miude para gritar por socorro contra os que o agrediam, o troçavam, se riam da sua deformidade, com a insolencia impiedosa de sãos e escorreitos.

Porque é nisto que está o desagradavel da apoteose funebre do «Menino do Castelo»: é que tanta piedade não está de acordo com a crueldade com que Lisboa trata os seus bôbos. Embora tudo isto só revele exagero, e o exagero seja um defeito a ter em conta, julgo que mais grato será aos aleijões, que pela cidade estadeiam as suas mazelas, que em vida os não apedrejem, do que depois de mortos os cubram de flores e lhes paguem o enterro com filarmonica.

UMA SENHORA

—Quem esteve hoje aqui, na minha ausencia?
—Foi uma amiga, patrôa...
—Para outra vez diga-lhe que não atire com pontas de cigarro para o chão.

Ecos e Comentarios

Rir

Repetimos que este jornal tinha por missão cavaquear, a sorrir, da vida lisboeta. Basta folhear a sua colecção para se chegar a concluir essa verdade.

A censura previa que é exercida nos jornais tem que nos olhar como um periodico alegre, despretencioso, que ri sem azedumes e que, agora como sempre, desejava manter essa atitude.

Procurar num jornal popular as atitudes das gazetas estrictamente informadoras não nos parece certo.

Fazendo-nos eco dum clamor geral muito escrevemos contra os maus politicos e alguma coisa contribuimos para tornar possivel a intervenção da força armada nos cargos da administração civil do Estado.

Porque não podemos então rir, sem agredir nem magoar, agora como sempre?

Filarmonica de aldeia

No teatro, na cronica e no livro, não ha auctor que não tenha ridicularisado a filarmonica da aldeia. E, no entanto, a banda de musica das nossas pequenas terras de provincia é uma instituição que nos deve merecer o maior carinho e a quem devemos dar o maior estimulo.

Na obra de instrução, de recreio e de beneficencia, ela reflete o gosto artistico ingenito do pôvo e mantem a tradição e a graça de muito pitoresco. O «Diario de Noticias» acaba de ter mais uma ideia feliz, patriotica e interessante: o concurso das bandas civis—e com ela dignificará a musica da terra portugueza. Bem haja o grande jornal! O nosso aplauso á sua ideia aqui fica.

O louco e o sabio

O Dr. Luciano Pereira da Silva, que foi uma das melhores cabeças da sua geração, morreu nas mãos dum louco, que tendo a mesma idade foi, desde creança, um ser repelente e triste.

Que misterioso acaso poz em frente do sabio eminente o larvado de aldeia e fez vencer brutalmente, pela força duma navalha sordida, a espiritualidade, a cultura e a inteligencia?

Parece que as forças ocultas do destino se comprazem em demonstrar essa eterna fragilidade e essa efémera e debil fortaleza do Pensamento!

A grande feira de Lisboa

Nós temos que a pedra de toque do começo dum serio renascimento do progresso português estará na grande feira internacional de Lisboa.

No dia em que se marcar uma data, e se trabalhe para ela, Lisboa aformosear-se-ha. Serão possiveis os grandes emprestimos citadinos para o embelezamento de Lisboa—porque os lucros da feira tudo cobrirão.

Serão então possiveis os grandes hoteis, e o Parque Eduardo VII parece feito, de proposito para isso. Será essa a missão grande dum grande municipio, que meta hombros á tarefa de fazer de Lisboa uma grande cidade. Nessa empreza colossal terá que entrar a Imprensa da capital, porque ela será a grande força para realisar esse plano grandioso.

Esperemos que se realise a exposição de Sevilha. Aprendamos com esse municipio inteligentissimo o criterio e a cultura que põe nas suas resoluções. E depois, dois ou tres anos mais tarde, levemos a efeito a Feira de Lisboa. Será o principio da salvação de Portugal.

Torres Vedras

Houve uma feira em Torres Vedras. Por cada cento de terras da mesma importancia surge uma a daa um signal de vida. E, apesar de isolado sintomatico ele é.

A feira franca de Santarem, outro dia, agora Torres, as Caldas, etc. são exemplos de que se podia fazer, no dia em que a provincia quizesse fazer os grandes certamens industriais. Estas feiras, que vão pouco alem de arraiais modernos, são o balbuciar das tentativas que em França são as grandes feiras provinçais.

«Comtemporanea»

Acaba de sair mais um numero da «Comtemporanea», a grande revista internacional, que sob a superior direcção de José Pacheco é hoje o unico baluarte da arte moderna em Portugal.

A obra formidavel de organisador, deste artista, se não estivesse de ha muito consolidada, sê-lo ía agora, com a continuidade imprimida ao grande magazine. O ultimo numero é, por si, um monumento de elegancia, de bôa literatura e de arte modernista escolhida — e fica bem em todas as bibliotecas da «élite».

Salvemos as raparigas!

O Domingo ilustrado de ha muito que vem, pelas suas novelas, pelos seus ecos, pugnando pela protecção que em Lisboa é preciso dar ás raparigas abandonadas. São aos centos, aos milhares, as raparigas que se perdem, já abandonando as casas onde serviam, já vindo da provincia e caindo no luxo dos Clubs ou na tentação dos lupanares.

E' preciso pôr um dique á devassidão tremenda que alastra dia a dia.

Que caiam as que têm de cair—mas que não arrastem na sua queda as que podiam salvar-se.

Por isso aplaudimos a campanha que o sr. dr. Azevedo Neves levantou—e que é oportunissima.

«O Volante»

Saiu na ultima quarta feira, o n.º 2 deste novo quinzenario de automobilismo que, como no primeiro numero, se apresenta como ptimo aspecto grafico e boa colaboração tecnica.

SOLUÇÃO

—Sabe, estou desolada! Meu marido não gosta deste casaco!
—Tenho muita pena, minha senhora, mas não o podemos trocar.
—Então que fazer?
—Mudar de marido.

ANTES DE TEMPO

—O que me aborrece é que o raio da chuva molha-me o embrulho.
—O que é, estraga-se?
—E' um chapeu de chuva que comprei para a minha mulher!

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Conversar... de conservar

Nesta terra d'aspecto marmóreo,
conservar é já scisma e prazer.
Até têmos no Conservatório
um doutôr conservado em Tenório,
que antes quer conservar que torcer...

A velhada anda bem conservada
sob a ardencia do sol que nos beija
e, conquanto á demais rapaziada,
anda agora tão acalorada
que conserva o calor... com cerveja.

No concerto das grandes nações,
concertamos, tambem, ter disputa.
E, se não por mais altas razões,
conservamos ainda Covões
porque somos um povo de lucta...

Conservamos de tempos distantes
o furor de mostrar valentia
e, daí, a razão das constantes
divergencias,—que dão concertantes,
na Rotunda, com artilharia!...

E oh! poder da maior fantasia!
—Tanta inveja nós temos da lesma,
que fizemos mais uma, outro dia,
só por causa da eterna mania:
—Conservar isto tudo na mesma.

SILVA TAVARES

ENGANO

—E' verdade que foste acusado de ter roubado um relogio?...
—E', foi por engano, eu julguei que ele fosse de ouro...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

Crónica alegre

Seguindo a mesma ordem de ideias do numero anterior, Xisto Junior faz hoje uma pequena digressão atravez do sport, *assunto do mais palpitante interesse, pois nos tempos que decorrem quem não é* sportsman *é porque já o foi ou está para ser.*

PELO "SPORT" E A'VANTE!

O SPORT *NA ANTIGUIDADE—DO* TENNIS *AO* FOOT-BALL *E DOS JOGOS OLIMPICOS A' LUTA GRECO-ROMANA.*

O *sport* é uma coisa que os ingleses inventaram, mas que já se fazia no tempo em que Adão era pequenino.

Não se sabe ao certo o significado da palavra *sport*, visto que tanto se pode referir á delicadeza da esgrima, como á brutalidade do *foot-ball*. Como quasi todos os *sports* criados a *biberon* pelos ingleses foram adoptados nos outros países, parece, afinal, que aquele termo significa simplesmente lambada de «sportação».

Os *sports*, como os comboios electricos da linha de Cascais, começaram por não existir.

Não ha noticia de os egipcios terem conhecido pessoalmente o *tennis* e sabe-se que entre os assirios e caldeus o *water-polo* era tão ignorado que em toda a Mesopotamia nem uma só pessoa falava em tal assunto.

Na Biblia, que era uma especie de

«Domingo ilustrado» do tempo dos Moisés e de outros Abrahões, tambem se não encontra a mais ligeira alusão ao *foot-ball* entre os hebreus, estando já averiguado que as tribus em que o povo hebraico estava dividido nada tinham de comum com os clubs desportivos, apezar de andarem sempre á castanha umas ás outras.

Os gregos, porem, é que foram uns catitas, porque deram um grande impulso aos *sports*, que ao tempo ainda não existiam. Seguindo o exemplo do O'Donnell, os gregos promoveram os jogos olimpicos, mas em vez de distribuirem relogios aos vencedores, como aquele emprezario no seu cinema, distribuiam corôas, que saíam mais baratas, por serem de louro.

Dos romanos o melhor é nem falar. Brutos como eram, cultivaram com brilho todos os ramos de *sport*, incluindo aqueles ramos que os capitães das *equipes* trocam em dias de desafio internacional de *foot-ball*. Ficaram celebres os torneios de luta pela vida greco-romana, realisados no Coliseu de Roma, sendo emprezario um certo Ricardus Covones.

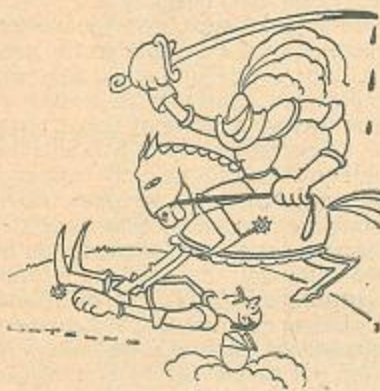
O QUE ERAM OS TORNEIOS DA IDADE MEDIA — A INFLUENCIA DO SPORT *NA VIDA NACIONAL, NO SECULO XV.*

Na idade media o *sport* não se desenvolveu grande coisa, porque sendo destinado principalmente á mocidade de pouco aproveita pratica-lo na meia idade.

Em todo o caso as cronicas falam dum genero de *sport* muito em voga nesses tempos: as justas ou torneios.

Consistia esta brincadeira numa especie de corridas de cavalos montados por «jockeys» vestidos de ferro. Os parceiros arrancavam uns contra os outros aos gritos de «bofé», «por minha dama», «á lá fé!» e outras barbaridades. Os que se aguentavam em cima do cavalo eram proclamados vencedores e recebiam das damas uma fita (desde a idade media que as mulheres tiveram a predilecção por fitas) e colocavam-na a tiracolo, sobre a armadura. Os vencidos saíam do campo muito encavacados e cheios de ferro, que iam vender como sucata para adquirirem no respectivo alfaiate ferruginoso uma nova farpela de ferro novo para entrarem em outro *match*.

Os torneios chamavam-se justos, segundo uns, porque ali, é que se ajustavam as contas e segundo outros porque as damas do juri tinham obrigação de ser justos. Quando o não eram, chamavam-se tortas. Se acontecia um torneio decorrer sem interessantes episodios que emocionassem, chamava-se-lhe torneio mecanico.

Emfim e para encurtar razões: o *sport*, como a couve lombarda, aclimou-se entre nós e de certa altura em

deante a vida portuguesa passou a ser inteiramente desportiva. O distinto *sportsman* Infante D. Henrique fundou o Sagres-Club, destinado a promover o gosto pelas regatas. Vasco da Gama, que tambem foi um *yachtman* distintissimo, foi por *sport* que descobriu o caminho maritimo para a India.

COMO NÓS PODERIAMOS TER OS MELHORES CAMPEÕES DO MUNDO. ÁVANTE, POIS!

Deixando os tempos chamados historicos e que abrangem toda a epoca que vai da fundação da nacionalidade até á proclamação da Republica, data em que começaram os adesivos, penetremos com o pé direito na idade contemporanea.—Sem nos determos por mais tempo a considerar que D. Sebastião foi posto *off-side* pela moirama e que o Marquez de Pombal foi um grande *goal-keeper* do seu tempo, vejamos porque é que o *sport*, nas suas varias modalidades, entrou em Portugal, numa fase de evidente decadencia.

A' primeira, e até á ultima vista, parecia que o nosso país devia ser um ninho de desportistas, treinados nos mais diversos ramos de *sport*.

No pedestrianismo, por exemplo, ninguem nos agarra, quando desatamos a fugir das nossas responsabilidades.

No «box» é o que se sabe, quando ha *ring* no parlamento. Todos se tratam, á mimhota, por «Box... elencia», mas é cada *directo* de pôr a maioria K. O, sobretudo quando se trata de luvas de mais de 5 onças... de francês...

No *foot-ball* quem é que no bucho mete mais «goals» de que nós, país vinicola e beberrão?

Pode alguem gabar-se de, em pesos ou alteres, aguentar maior pêso do que nós sobre o cachaço?

Com todas estas qualidades racicas (aí seu adjectivo) só a um grande desleixo se pode atribuir o atrazo do *sport* em Portugal.

Pois não havia mil e uma razões para o sr. Chaby ser o campeão mundial dos pesados?

E não tinhamos nós tudo a ganhar se o sr. Antonio Cabreira fosse mundialmente conhecido por ser campeão dos levissimos... de entendimento?

A'vante, pois, pelo *sport* e por sua excelentissima senhora, a Educação Fisica! Adestremos a mocidade, desde a mais tenra infancia, nas artes do pontapé na bola e do sôco nos queixos, e só assim deixaremos de ter razões de queixa.

XISTO JUNIOR

LER NO PROXIMO NUMERO

O MISTERIO DO GRANDE-HOTEL

UMA NOVELA DA MINHA VIDA

Por *LINO FERREIRA*

E sempre em todos os numeros, d'ora avante, novelas que contam episodios verdadeiros da vida de varios escritores e entre eles, ao acaso citamos, Carlos Selvagem, Norberto de Araujo, Artur Portela, Antonio Carneiro, Ferreira de Castro, Ivo de Monforte, Antonio de Certima, Reinaldo Ferreira, Eduardo Frias, Mario Duarte, Matos Sequeira, Felix Correia, Aprigio Mafra, Augusto Pinto, Vitoriano Braga, etc., etc.

SITUAÇÕES

—Meu Deus! Horror! Não sei nadar!
—Nem eu! E não faço esse berreiro!

CONVENÇÃO

—Então fizestes um travesseiro desse cano de ferro? Deve ser mole!!
—Não faz mal! Meti-lhe palha dentro...

Curiosidades

A morte que gerou mais mortes

A morte que gerou mais mortes foi sem duvida a do arquiduque Francisco Fernando, sobrinho de Francisco José e herdeiro do trono da Austria. A morte desse homem, que sonhara conquistas e gloria, que anexara ao imperio austro-hungaro as provincias da Bosnia e da Herzegovina, foi o fosforo que acendeu o rastilho da bomba, da espantosa bomba que arremessou estilhaços para todos os paises da Europa. A morte de Francisco Fernando foi a causa mais imediata dos milhões de mortes que a grande guerra semeou durante quatro anos, pelo mundo inteiro... E como essa morte foi provocada pela arma dum estudante servio, muito novo, quasi uma criança, pode dizer-se que Deus escreveu o seu maior paradoxo ao ordenar que fosse a mão duma criança que desencadeasse a maior catastrofe da Historia... E' bem certo que Deus escreve direito por linhas tortas!

Chamava-se Prinzip o estudante exaltado que odiava de morte o arquiduque Fernando, aquele sob cuja protecção os oficiais austriacos infligiam as maiores humilhações ao povo servio, cruzando arrogantemente as aguas do Danubio e passando, sem a saudar, á vista da capital da Servia, á vista de Belgrado, em cujas ruas passavam horas depois, semi-embriagados, pisando o chão como país conquistado e insultando os soldados servios, certos de que o seu futuro imperador só os aplaudiria.

Diz-se que Francisco Fernando não era por seu temperamento um homem injusto, fanatico e violento, e que só a influencia da mulher que adorava e fôra por ele elevada á alta condição de esposa, ainda que morganatica, do herdeiro da coroa (e por este feita duqueza de Hohenberg, Sofia de Hohenberg), era, na opinião dos servios—pelo menos—a sua alma danada, a mulher intriguista e dominadora, Leonor Teles de hoje, que punha superiores ao interesse da Europa infinita os proprios interesses e odios. Isto explica que o estudante Prinzip desfechasse a primeira bala da sua *browning* contra ela, nesse fatidico dia 28 de Junho de 1914, em que julgou vingar a sua patria oprimida.

Os amores de Francisco Fernando com a condessa Sofia de Chotek, depois duqueza de Hohenberg, tiveram um principio anedoctico, que foi, durante muito tempo, o assunto obrigado das conversas da côrte. Francisco Fernando, no seu romance de amor, pareceu-se imenso com os arquiduques das operetas em que a sua patria é fertil mestra. Convidado por uma arquiduqueza Izabel e que tinha seis filhas casadoiras, a ser hospede do seu castelo, durante algumas semanas, o herdeiro, desprezando as suas iguais pelo sangue, enamorou-se da aia da sua velha parente.

Um dia, esta surpreendeu-o beijando um retrato de mulher, que trazia oculto na tampa do relogio... Supoz logo que ia ser sogra dum imperador, mas quando, apoz aturados esforços, conseguiu haver ás mãos o relogio, a sua surpresa e a sua indignação não conheceram limites: em vez do retrato duma das suas meninas, viu o da sua aia! Francisco Fernando, homem caprichoso e teimoso, não descansou emquanto seu tio, o velho imperador, o não deixou casar com a senhora do seu coração, sujeitando-se embora a que ela não pudesse nunca ser arquiduqueza, nem arquiduques os filhos que dela tivesse.

Todos são concordes em que, se a guerra não tivesse rebentado em 1914, teria sido declarada quando subisse ao trono da Austria o arquiduque Francisco Fernando, que, na perseguição que movera contra a liberdade individual e religiosa de alguns povos slavos, já dera uma amostra de qual seria a sua politica. A sua morte, a morte que causou mais mortes, não foi muito pranteada nem mesmo na Austria. Só o imperador, seu velho tio, exclamou, ao ter dela conhecimento:—*Ainda mais, Senhor!? Ainda mais!? Vivi tanto, para conhecer todas as dores, todas!*

De facto, Francisco José exgotou o calice de todas as amarguras: tendo subido ao trono com dezoito anos, em 1853 era vitima dum atentado; em 1859, as suas tropas são derrotadas pelos exercitos coligados da França e da Italia em Palestro, Magenta e Solferino; em 1866, foi o desastre de Sadowa (dezoito mil mortos, dois mil prisioneiros e sessenta canhões perdidos) que arrastou a perda dos direitos sobre Elba e, mais tarde, as das provincias italianas da Lombardia e de Veneza; depois, veem os dramas de familia: morte, em 1867, do arquiduque Maximiliano, seu irmão, fusilado pelos soldados de Juarez, em Querétaro, o que levou á loucura a mulher deste, a imperatriz Carlota; em 1889, morte tragica de seu filho unico, o principe herdeiro Rudolfo, vitima dum drama de amor e misterio, que se desenrolou no palacio de Meyerling; em 1887, no incendio dum Bazar de Caridade, em Paris, morre sua cunhada, a duqueza de Alençon; em 1898, sua bondosa esposa, a imperatriz Izabel, morre em Genebra, assassinada por Lucheni... Finalmente, o crime do estudante servio, o que lhe arrancou o grito de revolta: *Ainda mais, Senhor!? Ainda mais!?* Sim. Ainda mais! Faltava-lhe ver a Europa em guerra, desencadeada pelo seu imperio, abalado e doente.

OS ALIMENTOS E O CARACTER

Um medico inglês dedicou-se a observar os diversos efeitos dos varios alimentos sobre o caracter das pessoas. Segundo observou, a carne de vaca dá alegria e coragem, a de porco produz pessimismo, e a de carneiro leva á melancolia. O leite e os ovos dão vitalidade ao espirito. A manteiga de vaca torna fleugmatico o consumidor. A batata produz aborrecimento e preguiça. A mostarda é um estimulante da memoria.

UMA LENDA

Ha muitas e curiosas lendas acêrca da origem do chá. Uma delas, muito popular no Oriente, é a seguinte: Em epocas remotas, reinava na China um principe muito venerado pelos seus subditos. Esse principe amava loucamente o estudo e, para poder entregar-se a ele e manter-se sem dormir, durante muito tempo, arrancou as pestanas, as quais, ao cairem na terra, germinaram, nascendo delas a planta do chá, que tem a conhecida propriedade de afastar o sono.

VITIMA DA SUA OBRA

O celebre escultor ceramista Giuseppe Marengoni apresentou á exposição de artes decorativas de Monga uma colossal estatua de Medusa, pesando mais duma tonelada. Durante a descarga do caixote em que vinha a estatua, os operarios deixaram escorregar o enorme volume, que, caindo sobre o artista, o esmagou, na presença dum seu irmão, o deputado Marengoni, e de seus filhos.

UMA RECEITA CHINEZA

Os chinezes, alem do conhecido partido que tiram dos bichos de sêda, tambem se utilizam deles como materia prima da seguinte receita culinária: Depois de fiarem os casulos, pegam numa quantidade de crisalidas, que põem ao lume, extraindo-lhes toda a parte aquosa. O envolucro dos insectos cai, ficando então uma infinidade de pequeninas massas amarelas, que se põem então a fritar, em manteiga ou azeite. Por cima, deita-se caldo de frango. Depois de ferverem durante cinco ou dez minutos, esmagam-nas com uma colher de madeira, tendo o cuidado de mexer tudo, de maneira a que não se pegue ao fundo do recipiente. Batem-se depois umas gemas de ovos, na proporção de trez para cada cem crisalidas; deitam-se por cima da massa e obtem-se assim um belo creme, amarelo doirado, e com um sabor delicioso. E' um manjar de mandarins e de pessoas ricas.

NA CHINA

Os chinezes tambem apreciam imenso os gelados de toda a especie, e tanto assim que alguns industriais chinezes adoptaram uns aparelhos automaticos, que, depois de se lhes introduzir uma moeda, distribuem gelados e bebidas refrigerantes.

O TESOURO DOS INCAS

O director do Museu do México conta que, ha algum tempo, um velho indio, que se intitulava carvoeiro, veiu ter com ele e lhe contou que, tendo-se refugiado, um dia, durante uma tempestade, numa caverna nos flancos da montanha de Santa Clara, descobrira uma grande sala onde estavam enfileiradas umas estatuas de deuses, todas de ouro puro, incrustadas de pedras preciosas.

Antes de abandonar a caverna, o velho indio dissimulou-lhe a entrada com ramos de arvore. Oferecia-se para guiar o director até á gruta maravilhosa. Infelizmente, o director não estava livre nesse momento. Pediu ao indio que retardasse por algum tempo a expedição. O homem concordou, mas daí a dias morreu... Desesperado, o director do Museu pensa em organisar uma expedição para ir procurar a caverna dos tesouros, nos montes de Santa Clara.

PRINCIPE DE GALES

Julga toda a gente, erradamente, que o titulo de principe de Gales é hereditario e pertence de direito ao filho varão primogénito dos soberanos ingleses. Ora não é assim. Esse titulo é dado de novo, novamente criado, de cada vez que o seu possuidor morre ou o deixa para tomar o de rei. O unico titulo que pertence ao filho mais velho do soberano, desde que nasce, é o de duque de Cornouailles. O actual rei de Inglaterra usou apenas o titulo de duque de York durante os primeiros anos do reinado de seu pai, o qual só lhe concedeu a dignidade de principe de Gales quando o actual Jorge V regressou, a bordo do *Ophir*, duma viagem de circumnavegação

CURIOSIDADE HISTORICA

Fez-se uma observação curiosa sôbre a influencia do numero 14 na vida de Henrique IV, rei de França. Nasceu 14 seculos, 14 decadas e 14 anos depois da era cristã. Veiu ao mundo a 14 de Dezembro e morreu a 14 de Maio.

Viveu quatro vezes 14 anos, 14 semanas e 14 dias. Finalmente, no seu nome—Henri de Bourbon—ha 14 letras.

NUMEROS MAGICOS

Uma das mais agradaveis aplicações das matematicas, pela distracção que proporciona, consiste em procurar numeros que ofereçam caracteristicas curiosas. Entre os mais notaveis numeros desse genero é celebre o que foi descoberto pelo matematico alemão Neuberg.

O numero é formado pelos algarismos que vão de 1 a 9, com excepção do 8:—12345679. Multiplicando este nnmero por 9 ou pelos seus multiplos 18, 27, 36, 45, 54, 63, 72 e 81, obtem-se, como respectivos produtos, 111.111.111, 222.222.222, 333.333.333, etc.

CARTAS DE UM COMEDIANTE

A proposito de Revistas...

A epoca é de revista, já não «do ano», como nos bons tempos, mas revista mensal e até semanal. A revista é o comentario a todos os acontecimentos politicos, a todos os casos de sensação, comentario que o povo não tem a coragem de arriscar alto e bom som, mas que lá faz com os seus botões...

Hoje em dia, demora-se uma revista no cartaz três meses, seis meses, um ano.

Tantas são as modificações que lhe introduzem, consoante os acontecimentos, tal é o «enxerto» dos actores, que a ultima representação em nada se parece com a primeira.

Para mais, a revista já não tem um autor, mas autores «ás pázadas»; como as revistas originais desapareceram. Surge agora, em relação ao libreto, o distico — «parte original», parte coordenado», como na musica de revistas.

Que a enscenação tenha evoluido como a indumentaria, substituindo-se a gola de crinoline pelas espáduas nuas, pernas em carne em vez de «maillots» côr de carne, ainda se admite.

Mas que todo aquele com disposições para o genero procure fazer obra sua, da primeira á ultima scena, sem recorrer aos numeros do «Paris en fleurs», da «Nu... Nu... Nun-tte!» da «Elles sont toutes nues!», do «Mieux que me!».

Os «revistografos» podem muito bem crear numeros portugueses, e menos deslavados.

Argumentarão que não se pode fazer revista nacional e popular sem o «fado», em todas as suas modalidades.

Apareça o «fado» nas revistas, mas de envolta com canções regionais. Ponham, muito embora, Alfama, mas deêm-se ao trabalho de focar tambem os outros bairros, e outros tipos de rua que não sejam a «galderia», o «fadista», o «garoto dos jornais» e o «guarda nocturno».

E lembrem-se da Provincia: «Manchem-na» n'uma sucessão de quadros. Ha por ali tanta côr!

Imitem-se, não as ideias dos numeros, mas as ideias creadoras das varias revistas que fazem furor lá fóra. Se Paris apresenta uma bela revista parisiense façamos nós uma bela revista lisboeta, como em Londres produzem revistas londrinas, e assim por diante.

Sigam-se as grandes linhas gerais, mas creemos por nosso turno.

Tentemos tambem, uma vez por outra, a revista literaria para determinado publico. Mas façamol-a com «a prata da casa».

E já que falamos de revista, insistamos numa ideia pela qual em tempos nos batemos:

A de se arquitectar uma revista, compilando todos os numeros de grande sucesso de todas as revistas de ha vinte anos a esta parte, e, sendo possivel, por alguns dos interpretes da primitiva:

Que evocação deliciosa a do «Tim, tim», «Ano em 3 dias», «Sal e pimenta», «Raios X», «Ali á preta», «Em pratos limpos», «O 31», «Pé de meia», etc., etc.!

Uma revista assim produziria o mesmo sucesso que teve em Londres, recentemente, «The Review of Revues», compilada por Archibald de Bear.

CARLOS ABREU

A PEÇA DO CAETANO

TINHA acabado de almoçar, quando a campainha da porta tocou nervosamente e logo a seguir a creada me apareceu muito assustada e com um bilhete de visita na mão.

—Está lá fóra este sujeito, que quer falar ao patrão com toda a urgencia.

—Impossivel... Tenho de sair imediatamente.

—Isso foi o que eu disse, mas ele respondeu-me que o patrão só saia se passasse por cima do seu cadaver! Será maluco?

—Não, minha filha, não é maluco... E' autor dramatico... manda-o entrar.

— Ora o raio do homem...—e a creada saiu para ir abrir a porta ao apressado visitante. Entretanto eu pegava novamente no cartão a ver se conseguia ligar o nome ao dramaturgo que me procurava.

—Dás-me licença? A' porta do escritorio apareceu-me um sujeito alto, bastante calvo, com bigode á Charlot e mosca de major reformado, que com um cumprimento e um sorriso nos labios caminhou para mim de braços abertos.

—Então já te não lembras do Caetano?

—Oh! Caetano, exclamei eu, envergonhado por o não reconhecer e abrindo-lhe tambem os braços.

—Desculpa incomodar-te, mas trata-se dum caso muito serio. Como sabes eu sou um bocado dramaturgo.

—Sim... efectivamente... eu...

—E acabo de escrever uma peça que é uma verdadeira maravilha... Tudo quanto ha de mais seculo XX.

—Um drama moderno.

—Modernissimo. Mas se me dás lincença eu leio-te a peça...

Confesso que nessa altura tive um estremecimento e senti uma gota de suor frio a percorrer-me a espinha dorsal.

—Ah! Não Caetano... Isso não... Como a rapariga te disse, eu não me posso demorar.

—Está bem, não leio a peça, mas tens de ouvir o enredo. Por ahi já tu farás uma pequena ideia do meu terrivel drama. Uma pessôa, na vida, pode fugir ao cruel destino, desviar-se dum raio; atravessar a Avenida sem ser apanhado por um Auto-Taxi; não casar e casando não se separar da mulher, pode mesmo conseguir não ser ministro e evitar que lhe dêm o habito de Cristo. Mas uma coisa não consegue com certeza. E' evitar que um autor dramatico lhe leia o produto da sua dramaturgia cerebral. Foi o que me aconteceu e resignadamente, com o estoicismo dum santo, sentei-me a escutar.

—O meu drama, começou o Caetano, está dividido em 3 actos e intitula-se: *Traição mal correspondida.*

—Francamente não gosto do titulo, disse eu para dizer alguma coisa.

—Isso muda-se... Mas o que é que lhe achas?

—Acho o fora da moda... Eu, no teu caso, em logar de *Traição mal correspondida* chamar-lhe-hia *Falta de correspondencia.*

—Boa ideia... Para mais, na peça entra um carteiro... Mas ouve lá o enredo. O primeiro acto é um acto simples de apresentação. O Conde e a Condessa vivem sós num castelo da provincia, todo construido em tijolo Luiz XV, com duas torres seculares e algumas ruinas em bom estado de conservação. Quando digo que vivem sós não é bem assim, porque tambem lá vive um filho do Conde que é oficial de marinha e que acaba de ser nomeado comandante dum cruzador, o que leva o Conde a exclamar no final do acto—Vae, meu filho, vae p'ro cruzador, que tambem os teus avós andaram nas cruzadas —Como vês este primeiro acto é um bocado estupido, mas como tu bem sabes, o primeiro acto é para os espectadores se sentarem e fazerem barulho a cumprimentarem as pessôas conhecidas.

—Então o melhor era não escrever o primeiro acto.

—Agora tivestes graça... Ainda havemos de fazer uma revista de colaboração... Mas vamos ao segundo acto. O segundo acto passa-se a bordo do cruzador e é duma grande intensidade maritima. O filho do Conde casou com uma prima, que era aia de D. Carlota Joaquina e...

—Mas então o drama é historico, interrompi eu.

—Efectivamente é um bocadinho historico, mas eu faço-o passar na actualidade para evitar a despeza do guarda-roupa... Mas pelo amor de Deus não me cortes o fio do enredo, porque neste segundo acto a acção complica-se muito... Ora a mulher do filho do Conde atraiçoou-o com um capitão de piratas, que para se vingar do seu rival assalta o cruzador e largando fogo ao paiol da polvora faz voar em estilhaços o nosso vaso de guerra. Com a explosão, vôa pelo ar toda a guarnição, que morre afogada aos gritos de: *Portugal nos vingará*, e em seguida a um grande silencio vê-se ao longe o filho do Conde, navegando num pedaço do vaso. E aqui termina o segundo acto.

—E' de arrepiar.

—Pois exactamente o que eu quero é arrepia-los. Este segundo acto saiu-me muito bem e sem esforço. Tem unicamente aqui e ali uma scena massadora, para dar tempo aos espectadores tossirem.

— Mas vamos lá ao terceiro acto.

—O terceiro acto é muito curto... Emquanto a Companhia dos Electricos não mudar o horario para mais tarde, os terceiros actos têm de ser muito pequeninos. Passa-se o derradeiro acto numa ilha completamente deserta, onde o filho do Conde deu á costa e onde vive ha 12 anos, muito aborrecido, a fazer paciencias com as conchinhas da praia. Chora o desgraçado a sua sorte e a traição mal correspondida de sua mulher e um dia, desgostoso, triste e abandonado morre e enterra-se.

—Enterra-se?

—Pois está visto. Se ele estava numa ilha completamente deserta, quem querias tu que o enterrasse?!

Levantei-me, puz o chapeu, dei o braço ao Caetano e já no meio da rua, para que ele não tivesse alguma furia e me partisse os moveis, aconselhei-o:

—Ouve lá... Tu que és autor dramatico com o curso de Agronomia, porque é que não vaes plantar batatas?

LINO FERREIRA

A NOSSA CAPA

Ao dedicarmos a capa exterior de *O Domingo* a uma artista dramatica, prestamos a maior homenagem que podemos prestar ao teatro português.

Ao escolhermos para essa homenagem a gloriosa actriz Stichini — sem exagero a mais portuguesa das nossas actrizes modernas—queremos manifestar a nossa esperança—ou melhor a nossa certeza — de que o teatro entre nós pode ainda contar dias de brilho e de gloria.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

—VÊ lá, agora, se não me escreves todos os dias!

—Fica descansada. Dedicar-te-ei, todas as manhãs, uma hora.

—Ao menos, emquanto estiveres a escrever não podes enganar-me...

—Que ideia, a tua!

E ela dizia estas palavras, sorrindo, mas com vontade de chorar de raiva por não seguir viagem comigo, para Madrid.

Este banalissimo incidente passava-se na estação do Rossio, nos começos do século. Tinha eu, então, menos 25 anos em cima do arcaboiço e uzava uma barba de azeviche sem nenhuma ameaça de mudar de tom. O resto é facil de depreender; despedia-me de uma criatura hiper-ciumenta com mais 10 anos do que eu e que não me deixava pôr o pé em ramo verde.

Ora, não tendo eu ainda atingido o meridiano da vida, julgava-me com direito a fruí-la nas suas modalidades e disposto a preencher todos os capitulos das tolices elegantes e amorosas, próprias da edade, em que a asneira tem sobre nós uma influência suprema.

Mas a maior de todas fôra a de me ligar, inconscientemente, a uma mulher com quem não podia entretecer um laço apertado por várias circunstancias de temperamento, de educação e, sobretudo, de formas de sentir. Ainda hoje, passados tantos anos, revendo na memoria (a velhice começa, quando nos chega a mania de contar) alguns casos semelhantes, lamento não ter saudades desta criatura que foi, na minha vida, a unica página dolorosa, verdadeiramente estragada. Todas as outras, incluindo mesmo aquelas que me deixaram fundas cicatrizes, não foram tão desagradaveis, porque alguma coisa de poético, risonho ou delicado se evola das suas imagens.

E' que tudo quanto se possa dizer acerca desta doença trágica e grotesca,—o ciume da mulher,—nada é comparado com o que deixa de se contar. Certos pormenores ficam, eternamente, sem expressão literária, porque são do domínio da etologia social, assim como os grandes dramas do adultério, pela natureza íntima e reservada, não pertencem ao dramaturgo, mas ao patologista.

Mas, supondo que não me assistia razão, certo é que me julgava com direito a desfrutar uns dias de liberdade nos braços de outra mulher que, alem de novas qualidades de atracção, tinha a vantagem de não me encher a vida de niquentas e repetidas scenas de zelos, a maior parte dos quais injustificados.

Assim, naquela tarde, logo que o comboio se poz em movimento, respirei a largos haustos, como que aliviado de um grande peso.

No mesmo compartimento, mas, até ali, semi-oculta, para que ninguem atentasse nela, principalmente a ciumentissima criatura que viéra despedir-se de mim,—ia uma rapariga chamada Helena com que eu conchavara uma digressão nestas condições:—quinze dias de traiçãozinha adoravel no lar oficioso, mal constituido, mas, em todo o caso, um lar, como há muitos na nossa mocidade.

Não exclamei, como no final das comedias desenxabidas:—emfim, sós! mas creio que disse uma fraze equivalente, pelo que Helena retorquiu:

—Mas, porque aturas aquela mulher mais velha do que eu e do que tu?

—Olha... se queres que te diga,—é por fraqueza e, mais do que isso, por piedade. Mas tu não compreendes...

—Nem quero, Deus me livre!

—Tens razão.

E a conversa flectiu noutro sentido, porque haviamos transposto o tunel, e a luz, o ar e o céo pareciam mais belos. A viagem foi tão agradavel quanto possivel, porque a monotonia de trajecto dividiu-se ao meio. De Valencia de Alcantara para lá passou-se quasi sem darmos pela paizagem, que fazia lembrar a do Alentejo.

Em Madrid, os quinze dias voaram e, como era necessario regressar, pediu-me Helena, como prova de amor, que prolongasse na capital, mais alguns dias, aquele enlevo. Só havia uma maneira: era tomar um disfarce, pelo que decidi fazer-me passar por italiano. Rapei, então, a linda barba preta (passe este assomo de vaidade), vesti-me de negro, como um padre, puz uns óculos escuros nos olhos e vim para Lisboa, com o nome de Pietro Gallini, redactor do *Osservatore*, de Roma.

—Vai para o diabo! Tu és o Gayo!

Para isso, combinára, por carta, com José Sarmento e Luiz Barreto, para virem descobrir-me, no meio da multidão, sob a minha nova personalidade exterior.

Todos os jornais, no dia seguinte, deram a notícia da chegada do ilustre viajante Pietro Gallini. Um êxito de jornalismo! Houve um jantar, no *Montanha*, a que assistiram Manoel Neves, José Sarmento, António d'Albuquerque, Luiz Barreto, Mario Allen e Paul Pigassu, um francez muito curioso que fazia parte do nosso grupo de boemios.

Durante o agape, as *piadas* cruzaram-se e sucederam-se com rara felicidade, porque, exceptuando aqueles, no segredo da aventura, os outros, não sabendo que estavam sendo empulhados, arremetiam com o «estrangeiro» com a arma do ridículo.

E com a impunidade de não serem compreendidos por mim, enchiam-me de chufas, de calão literário, algumas das quais me davam vontade de rir, sendo preciso que eu fizesse um grande esforço para me conter e não me denunciar.

Tinha-se explicado que eu falava francez para que eles compreendessem melhor. E, se eu não era tão forte na lingua de Rabelais, como, por exemplo, o Mario Allen, a quem não eram desconhecidas as mais subtis *nuances* da pronuncia parisiense, bem podia explicar-se essa falta num italiano da Sicilia. Nos intervalos destas formalidades, retomava a minha autonomia, passeando sózinho pelas ruas da cidade ou de braço dado com Helena. Sentia uma infinita graça em ombrear com várias pessôas conhecidas, sentarme ao lado delas e, com todas as precauções, modulando, um pouco, a voz, trocar meia duzia de palavras, como aconteceu, diversas vezes, com Antonio de Albuquerque, chegando a haver discussões literárias acerca de D'Annunzio, de Bracco e de Giacosa.

Não se imagina a fôrça que dá a certeza do anonimato perante a gente que nos conhece sob outro aspecto e com outra fisionomia. O desaparecimento da verdadeira personalidade traz destas vantagens:—poder ouvir-se, da boca dos adversários, amigos ou indiferentes, as suas opiniões, criticas amenas, severas ou maldizentes.

Entretanto, eu estava longe de ser um actor consumado neste género inventado por Fregoli. Se mudara de fato e puzera uns óculos, com a minha barba escanhoada, não conseguia, comtudo, modificar os gestos, o andar, e a atitude normal, mesmo que a alcançasse, não valia a pena êsse trabalho.

Para quê? Não era necessario. Desta maneira descobriria logo o meu disfarce quem me observasse com mais atenção.

Foi o que sucedeu, no *Suisso*, com o criado Justo, quando numa tarde, rodeado de alguns camaradas, me levantei para ir ao balcão. Ele abeirou-se de mim, dizendo-me, em voz baixa, sorrindo de uma maneira muito especial:

—Tome cuidado, porque, assim como eu o conheci, com outro poderá acontecer o mesmo...

No dia seguinte estava combinada uma entrevista, no *Jornal da Noite*, com o Rocha Martins. Foi o Luiz Barreto, seu camarada na mesma gazeta, que me levou para desfrutar o efeito da scena.

Assim que olhou para mim, aquele meu presado confrade volveu para o colega:

—Este tipo é padre, não me interessa.

—Mas ouve-o, pode ser que te diga alguma coisa interessante a respeito dos negócios do Vaticano.

E saiu.

Eu esperava o interrogatório. Tivera o cuidado de me sentar num ângulo da sala, onde fôra introduzido, de maneira que o Rocha Martins, quando voltou com um lapis e papel na mão, havia de ficar batendo-lhe a luz de chapa, ao passo que a penumbra me favorecia. Baixei os olhos, como costumam fazer os jesuitas, em idênticas circunstancias, e a entrevista principiou. Conforme os meus recursos, respondia, devagar, sublinhando as palavras, a fim de iludir, tanto quanto possivel, o meu interlocutor com a acentuação bem vincada do meu francês, mas ao cabo de alguns minutos, porventura, um quarto de hora, em virtude da minha dição defeituosa ou por qualquer outro motivo imprevisto, ele ergueu-se de um salto, exclamando:

—Vai para o diabo! Tu és o Gayo!

E desatámos os tres a rir da peripécia que deu um certo brado, quando foi conhecida.

Ainda hoje o Ramada Curto alude ao episodio, tratando-me, quasi sempre, a gracejar, por Pietro Gallini. Mas estava escrito que a aventura deveria ter um final pitoresco.

Na véspera do dia em que eu resolvera abandonar a falsa personalidade e retomar a verdadeira, fui jantar, com Helena e Paul Pigassu, ao *Suisso*. Entretidos todos a conversar e a rir, não demos pela entrada, no restaurante, da ciumentissima criatura com quem eu vivia, por mal dos meus pecados. De súbito, vemo-la, ao pé da mesa, pegar num copo cheio de vinho, entorná-lo por cima do vestido da minha comensal, e exclamar esbaforida:

—As bodas molhadas são as mais felizes...

E proferindo estas palavras, num diapasão que atraiu os olhares dos circunstantes, pretendeu agredir a rival, sendo preciso, com muito trabalho e prudencia, tirar-lhe isso da cabeça. Eu,

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA . . .

José do Telhado sentimental

(Episodio cavalheiresco da vida do celebre salteador).

MEU avô, um velhinho sêco, a face sempre crispada numa ironia, minhoto puro, retinto, descido em rapazote aos campos regados do Alemtejo, usava em longas noutes aridas, embaladas pelo uivar do vento, lá fóra, achegar-se da lareira e contar coisas tétricas ou chibantes do verdejar dos seus anos, quando corria, bifurcado num garranito bailão e de cajado entalado na perna, a romarias de Barroso, a estalar de côr e de alegria. Dessas narrativas, uma me perdurou nos ouvidos, por nela se tratar do celebre José do Telhado, aquele aventureiro que assolou tanto tempo as serranias denteadas de Entre o Douro e Minho, creando em roda de si uma lenda tenebrosa e por vezes sobrenatural, vindo a acabar na Relação do Porto, ao tempo que as pudendes leis ali tinham a ferros o genial torturado de Seide. E' uma historia de empenachado garbo, que resôa como um mixto clangor de aventura, rapace de salteador e de chorosa pena duma alma romantica enamorada repentinamente da luz duns olhos que passaram.

* * *

Naquele fim de outono era a região de Vila Pouca de Aguiar, em plenos Trás-os-Montes, a que sofria de preferencia os temores da constante aparição do quadrilheiro temido, e as estradas eram transitadas o menos possivel e de preferencia durante as horas do dia. No entanto, algumas vezes a diligencia pesada e traquinejante subia até Vale Passos, terra rica e bem habitada de gente de fausto e opulencia, velhas familias fidalgas que tinham constante comunicação com o Porto, já em visitas permutadas com as melhores familias dali, já em encomendas meudas, levadas por recoveiros.

Naquele dia, a diligencia ia cheia a mais não poder e nela viajavam alguns ricaços brutamontes, todos bem armados de pistolão no cano da bota, e dois lacaios de farda enquadrando uma linda menina de cabelos negros e olhos ainda mais negros que, pelo donaire, porte gracil e bem tratadas mãos, alvejando sob mitenes finissimas, demonstrava bem a sua nobilissima condição. Efectivamente era a filha dos viscondes de B ... de M ..., familia das mais ilustres de Vale Passos e dos mais opulentos de toda a provincia. A presença da linda fidalga não inibia os brutos, seus companheiros de viagem, de amenisar a jornada com relatos desvergonhados ou simplesmente desbragados de linguagem. A linda fidalga, na mais aparente impassibilidade, desejava ardentemente chegar ao seu destino e agradecia *in mente*, ao seu visinho fronteiro, o silencio cortez que observava havia muito. Era este um homem espadaudo, de finos modos, sob a indumentaria rude, e de grandes olhos bondosos, abertos á luz na face crestada de montanhez. A estrada galgava de sul a norte a serrania da Padrela e ao chegar ao alto do picalho que contornava para iniciar a descida, embrenhava-se num jogo alto de mato res-

Naquele dia, a diligencia ia cheia a mais não poder...

sequido. Foi ali que uma duzia de homens, de clavina aperrada, gritaram «alto!» á diligencia. O postilhão parou logo e persignando-se rapidamente murmurou:

—Santa Quiteria nos acuda, que são os do Zé do Telhado!

Na carripana foi logo um alvoroto entre os jactanciosos e a unica pessoa que conservou inteira alma foi a fidalguinha de Vale Passos. O proprio visinho de em frente se erguera dum salto, mas esse fizera-o para ganhar a porta e gritou aos seus companheiros que se iam decidir pelo combate com os quadrilheiros:

—Eh lá amigos, tenham juizo que agora quem manda é cá o José do Telhado!

E sacara de dois pistolões de pessima catadura. Tremendo como varas verdes, todos foram, em silencio, lançando á estrada as pingues carteiras do dinheiro. Silenciosamente, a fidalguinha despojou-se tambem das joias, atou-as num lenço de cambraia e lançou-as ao montão do espolio. Mas o José do Telhado saltara lesto e pegando no minusculo embrulhinho, restituiu-o á dona, dizendo, de cabeça descoberta:

—Era minha intenção respeitar os meus companheiros de viagem e se os incomodo é só por castigo. A si, fidalga, nada tenho que tirar. Peço-lhe humildemente perdão da minha ousadia!

E curvou-se até ao chão, como um grande senhor. A fidalguinha olhou-o de fito, e disse numa voz celestial de meiguice:

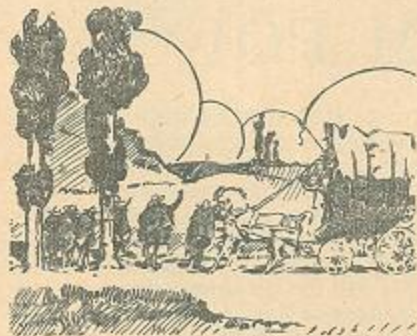
—Como poderei pagar-lhe o favor que me faz?

Os olhos grandes e bons do aventureiro enterneceram-se num momento, e murmurou:

—Deixe-me, fidalga... beijar-lhe a mão!

Uma onda de fogo abrazou a face serena da linda viscondessinha de B... de M... e teve um gesto de recusa ofendida. Mas circumvagando os olhos pelo bando armado, não se sentiu com forças e estendeu a mão da janela da mala-posta. José do Telhado tomou-lhe a ponta dos dedos brandamente, e brandamente depoz um beijo sobre o anel brazonado de agata que lhe ornava o anular. Um instintivo gesto fez retirar a mão da fidalguinha e o bandoleiro, erguendo os olhos, perguntou:

—Tem mêdo?!...

Num impeto brusco, acicatada pelo

Foi ali que uma duzia de homens, de clavinas aperradas, gritaram «alto!» á diligencia.

pavor, a fidalga cobriu os olhos com as mãos palidas e murmurou:

—Oh!... que horror!... que horror!

O espanto, um doloroso espanto cravou no solo o «terror dos caminhos», que murmurou brandamente:

—Sim... é verdade... sou o José do Telhado!

Depois, o grande salteador reagiu contra si mesmo e gritou ao postilhão:

—Eh lá postilhão, bate-me essas cavalgaduras, que has de chegar a Vale Passos ainda com luz de dia!

O chicote silvou no ar e as bestas arrancaram com o pesado carro, que meteu logo ladeira abaixo, a trotar para o vale brumoso, retalhado de hortinhas e caniçados, ao dependurão nas vertentes. Dali a pouco desaparecia na primeira quebrada do caminho. José do Telhado ainda se não mexera. Foi o seu logar-tenente, um de cara retelhada e dentuça podre, que tinha morto um furriel em Mondim, que lhe bateu no ombro, gritando:

—Eh homem, as «madamas» é que são atreitas ao chôro! Esperta!

Com efeito, as lagrimas sulcavam lentamente o carão curtido do José do Telhado.

JOÃO DE SOUSA FONSECA

---

irritado pelo escândalo, não estava em condições de ser um diplomata, porque me sentia ridículo naquela situação de galo, vendo duas galinhas á bulha por minha causa e, por isso, o francês é que apaziguou as contendoras.

Não compareceu a policia.

AFFONSO GAYO

Por motivos independentes da minha vontade, só agora posso acusar a recepção das seguintes obras, ás quais farei uma simples referencia, que por ser rapida de modo algum significa menos consideração pelo seus autores:

«A PEREGRINA DO MUNGO NOVO» —novela de Ferreira de Castro.

A ultima obra de Ferreira de Castro é uma novela moderna e estranha, que, antes de publicada em volume, já viera nas paginas do *A B C.*

Ferreira de Castro estuda, no decurso febril da sua novela, a enigmatica alma duma mulher, eterna peregrina, que vai espalhando lagrimas pelo seu caminho interminavel, e a quem nenhum amor, como nenhum ambiente, por grande e emotivo que seja, pode bastar. Ferreira de Castro, sendo um escritor moderno e não transigindo com os vulgares apetites literarios do grosso publico, é dos raros autores que teem em cada novo livro uma nova certeza de quanto o seu talento e o seu nome já são apreciados e categorizados.

«AMORES FUNESTOS» — peça em 3 actos, de F. Nabaes da Cruz.

E' o chamado dramalhão de caixão á cova.

Foi escrito na Covilhã, em varios serões de inverno. Nunca viu a luz da ribalta. A vaidade do autor contentou-se com a publicação da tragedia numa brochurazinha barata. Não é, portanto, uma vaidade exigente. Logo, é uma vaidade simpatica, que seria antipatico ferir.

«QUEM TEM MENINOS PEQUENOS» —quadras de Silva Tavares.

E' um dos livros de mais pura e casta inspiração que nos ultimos tempos teem vindo a lume. Silva Tavares é um poeta a quem já nada falta para ser um glorioso consagrado. Dificilmente atingirá um mais elevado grau de potencia lirica, bem meridional e bem portuguesa, até nos raros lapsos de menos cuidada técnica.

«CIDADES ANTIGAS, TERRAS MORTAS»—por Luis da Camara Reys.

Uma edição cheia de bom gosto, valorisada por ilustrações e vinhetas de Tagarro, publicou o snr. Camara Reys uma conferencia que realisou em Coimbra e onde evoca, num estilo elegante e rico, pleno de colorido e de pureza literaria, algumas velhas cidades portuguesas. A proposito, fixa tambem impressões de burgos estrangeiros por onde já passou e que deixaram na sua memória e no seu coração de sentimental qualquer vago perfume de saudade.

Tereza LEITÃO DE BARROS

Varia

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, RUPECA E SPARTANUS

DECIFRAÇÕES DO N.º 83

HORISONTAIS — 1 canal, 2 arame, 3 suo, 4 eco, 5 uf, 6 ata, 7 te, 8 rim, 9 melga, 10 vêr, 11 em, 12 pae, 13 rã, 14 Tua, 15 sim, 16 corta, 17 codea, 18 ara, 19 sal, 20 et, 21 boi, 22 se, 23 vim, 24 claro, 25 fel, 26 a a, 27 ida, 28 má, 29 pum, 30 Diú, 31 selim, 32 trama.

VERTICAIS — 6 aep, 7 ter, 14 toa, 15 sós, 21 bli, 22 sem, 29 pé, 30 d r, 33 as, 34 núa, 35 ao, 36 ré, 37 aco, 38 mó, 39 furem, 40 atlas, 41 serão, 42 fim, 43 age, 44 burro, 45 vidas, 46 ata, 47 mel, 48 cevar, 49 toada, 50 velas, 51 tia, 52 ira, 53 sul, 54 bia, 55 mi, 56 um.

PROBLEMA DE HOJE

Original do nosso ilustre colaborador SPARTANUS.

HORISONTAIS —1 aparelho destinado a dar luz, 2 nome de mulher, 3 deusa, 4 parte do casco das bêstas entre a tapa e a palma, 5 apelidos (inv.), 6 vento do leste (pl.), 7 anagrama de atava, 8 duas letras de vida, 8-A quatro letras de pilriteiro, 9 primeiros, 10 abreviatura de verbi-gratia, 11 abreviatura de Antes de Cristo, 12 filha de Inaco, 13 anagrama de pó, 14 quatro letras de açafanhar, 15 guinchar, 16 réptil, 17 termo onomatopaico para exprimir o choque de dois corpos, 18 duas letras de rotina, 19 duas letras de reitor, 20 motor, 21 duro como bronze (pl.), 22 pequena, 23 ferimento, 24 instrumento agricola, 25 parótidas de cavalo, 26 força, 27 plano, 28 franco.

VERTICAIS — 1 erro, 2 peixe, 5 lameiro, 13 duas letras de loiro, 14 o que é versado em armaria, 15 profissão de fé, 29 traição, 30 pedaço, 31 distar, 32 perfeição, 33 sêr decente e honesto, 34 diz-se do animal cujo ovo se parte na madre, para dar saída ao filho, 35 velho, 36 circulos, 37 reboque, 38 deitar pinhões em, 39 capital das ilhas Hawia, 40 rosmaninho, 41 cãc de fila, 42 três letras de branco, 43 três vogais, 44 duas letras de rapa, 45 dente queixal, 46 duas vogais, 47 duas consoantes, 4; letra grega.

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 6 2.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES *ORDIGUES* (Da T. E.)	29 AGOSTO 1926

Apuramento do n.º 1 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

JAMENGAL

N.º 2 — 5 Votos

N.º 6, de BAGULHO .... 3 votos
N.º 1, de AULEDO .... 2 »
N.º 3, de D. SIMPATICO .... 2 »
N.º 9, de AFRICANO .... 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AULEDO, D. GALENO (T. E.), DROPÉ (T. E.), D. SIMPATICO (T. E.), HENRICO, LORD DÁ NOZES, MAMEGO, MARIANITA e OÇALOC.

Com 11 decifrações (TOTALIDADE)

QUADRO DE MERITO

VIRIATO SIMÕES (10), JOJOROCA (9), PANTALEÃO (6).

OUTROS DECIFRADORES

IMAGINARIO, MANÉ BEIRÃO (3), REI FERA (T. E.) (1).

DECIFRAÇÕES

1—*sucia*, 2—*DORNA*, 3—*artemagico*, 4—Garabulha, 5—fegader, 6—*cabo*, 7—tomate, 8—logomaquia, 9—*acerto*, 10—compadre, 11—lacão.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 4 de MARIANITA com 10 decifradores

DEDICATORIAS

MAMEGO e REI-FERA decifraram o que lhes era dedicado.

LOGOGRIFO

[Ao «D. Simpatico»]

1 Eu *espanco* o malvado que queira—4—7—3—4
rir de mim, ou troçar, já se vê;
Inda ha bem pouco tempo na feira
espanquei, não sei quem, nem porqué.

Diz alguem que eu sou muito *severo*; 1—2—3—7
mas que importa? Que tenho eu com isso?
Francamente, eu por mim o que quero,
é que nunca me chamem moliço.

Se o policia me chama, *obedeço*—3—5—6—7
e acompanho-o até á esquadra;
depois lá, eu o caso esclareço
já se vê, como cá mais me quadra.

Ponho fim á questão num momento—3—2—6—7
escrevendo qualquer gatafunha;
e depois de passado o tormento,
eu acabo por ser *testemunha*.

Lisboa — CAMARÃO (G. E. L.)

CHARADAS EM VERSO

[Amistosa replica ao preclaro e mui nobre «Visconde da Relva»]

2 Gostei da vossa franqueza-
Assim é que é, sim senhor!
Tem-me na conta de seca,
de *individuo maçador*,—3

e logo, sem mais aquelas,
declara-o publicamente
com altiva *bizarria*,—1
p'ra que o saiba toda a gente)

Nos tempos que vão correndo
em que reina a hipocrisia,
vossa atitude sincera
cheia de nobre ousadia,

De brilhante desassombro,
é digna de admiração!
Somente, estranho e deploro
que não dissesse a razão

porque me julga importuno;
pois, não sei como evitar
maça-lo, e eu desejava
nunca mais o *importunar*...

Lisboa — BAGULHO

3 A camelia é uma *flor*,—1
flor, que vale um bom tesouro.—3
Tem p'ra mim alto valôr
pela sua linda côr,
e vale bem *peça d'oiro*.

Porto — REI DO OIRO

[Respondendo ao «Dr. da Mula Ruça»]

4 Se dou um tiro certeiro
mesmo sem ter pontaria,
não é um caso primeiro
pois o mesmo outro faria.

Na *maior* parte das vezes—1
(*isto é* coisa já sabida)—1
falha o tiro em seus revezes,
e a ave... fica ferida.

Porém a vossa charada
apesar de bem blindada
não fugiu á pontaria...

Co' um tiro pouco *excessivo*
ficou o «passaro» cativo
numa tetrica agonia

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

CHARADAS EM FRASE

(Ao ilustre confrade «Visconde da Relva» com o maximo respeito).

5 Se o confrade tiver *dinheiro*, verá que a sua sorte é entregar-se tambem ao *vinho*.—2—2

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

(Ao amigo e ilustre charadista «Bagulho»)

6 *Estimado* confrade: *onde* faz as suas charadas, que para mata-las quebro a *cabeça?*—2—1

Lisboa — JAMENGAL

7 Não se pode ter *confiança* num homem *falso*, porque é sempre um *traidor*.—1—3

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

8 Andei * *á roda de* * Lisboa em procura do *prazer*, mas compreendi que se tornava *arriscado* o continuar.—2—1

Lisboa — AVIEIRA

9 V. *está ufano*, mas é pena ser *dado á embriaguez*.—1—3

Lisboa — CALTAR

10 Que * *excesso* * *frutifero* o desta arvore; não seis *demasiado?*—2—4

Lisboa — LORD DÁ NOZES

11 Peço-lhe para que *limpe tambem a casa de jogo*.—2—1

Lisboa — MARIANITA

12 Se fui *em defeza sua* logo que partiu o «vaso» foi por saber que era de bôa *linhagem*.—1—1—2

Lisboa — AFRICANO

13 Trabalha tanto, que até um *pingo de suor* lhe sujou a escrita! *Tenha mão* homem! Até parece *feitiço*..—2—1

Lisboa — DROPÉ (T. E.)

CORREIO

VISCONDE DA RELVA.—Recebi, muito obrigado.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações, é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhe agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq. Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas, sem *distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 90 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

DE TUDO UM POUCO...

TESOUROS SEPULTADOS

Foram recentemente descobertos, em Midéa, perto de Tirinto, uns tumulos da epoca micenica, onde se encontraram seis vasos de ouro com ornatos de prata, dois vasos de prata, dois colares de ouro, um deles com incrustações, um anel de ouro, diversos camafeus e espadas de bronze com ornatos de ouro.

GOLAS DE LUXO

No Japão existe uma certa especie de galos, com uma cauda muito comprida, obtidos por meio duma engenhosa selecção. A sua côr varia muito; alguns são duma brancura purissima. As penas da cauda, em numero de 15 a 24, atingem um comprimento de 2,m55 a 3,m50. Um viajante viu um exemplar com uma cauda de 4,m05. Não podem andar pelo chão, á vontade, porque logo perderiam a sua esplendida e exagerada plumagem. Para evitar isso habitam em jaulas altas, das quais pendem as caudas. Todos os dias dão um pequeno passeio higienico, de meia hora, com um criado atraz, pegando na cauda, para que esta não sofra qualquer prejuizo.

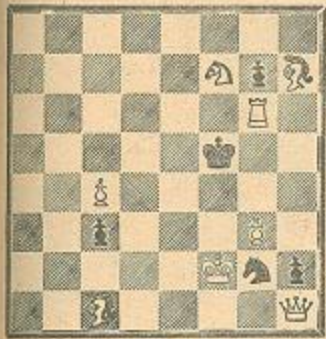
MORTA DE ALEGRIA

Conta o *Petit Parisien* que uma senhora de sessenta e dois anos, Mrs. Katherine Biech Maston, veiu da Nova Zelândia para Inglaterra, com tenção de se reunir a seu filho, que não via há quinze anos. Ao desembarcar em Southampton, no momento de abraçar o filho, morreu, fulminada pela alegria...

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 84

Por O. Heathcote (1.º premio)

Pretas (5)

(Brancas (8)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 82

1 D. 8 C D, P 7 C D; 2 D. 8 T R
R joga; 2 D.× P +

Este problema, de moldes muito simples, é um bom exemplo do talento de v. Holzhausen.

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Vicente Mendonça, Jordão e Club Portuense (Porto).

PARTIDAS SIMULTANEAS: — O sr. Antonio Maria ... jogou ha dias, no Gremio Lisbonense, 12 partidas simultaneas, com amadores de boa força, entre os quais ... de 1.ª categoria, ganhando 9 e perdendo apenas 3.

«MATCH» GREMIO LITERARIO-CLUB PORTUENSE.—Terminou o «match», por correspondencia, entre os dois Clubs, ganhando o Gremio Literario por 2 a 0.

«SALVÉ 1-9-1926». — Mil parabens, ... s.—*Mignottis.*

COLABORAÇÃO DIVERSA DE CURIOSIDADES ENVIADA POR LEITORES NOSSOS

AUTORES CORAJOSOS

Robert de la Vayssiére e Carol Bérard publicaram um livro intitulado «Monsieur de Gombas», livro audaz e alegre que gira em torno do celebre Landru. O livro foi posto á venda na sexta-feira 13 de agosto, ás 13 horas, nas 13.000 livrarias francezas. Tratando se dum livro sobre um assunto macabro, os auctores quizeram prestar a sua homenagem ao terrivel numero fatidico.

UM CALENDARIO PRODIGIOSO

O jornal italiano «La Tribuna» anuncia o aparecimento em Castelnuovo di Porto, do seguinte prodigios fenomeno: um camponez de vinte e dois anos, que mal sabe ler, mas que mostra uma extraordinaria aptidão para o calculo mental. Seguindo o conselho dum amigo aperfeiçoou-se um pouco e, em um ou dois minutos, resolve, de cabeça, problemas como este: «Que quantia somam, em onze anos, os juros compostos de 25 milhões de francos, a taxa anual de dezassete por cento? Quantos segundos ha em 25 dias?» A Academia das Sciencias de Roma vai examinar este fenomeno curiosissimo, que, provavelmente, figurará muito em breve nos programas de circo.

EXPEDIENTE

UMA LEITORA ASSIDUA, (Vila Franca de Xira).—O que V. Ex.ª nos pede pode-se arranjar, custando os n.ºs 1 e 15 cinco escudos cada, e os outros um escudo.

A LEGIÃO DE HONRA FEMININA

Em França, a fitinha rubra da Legião de Honra é cobiçada por todos os homens e mulheres, e prodigamente distribuida. A guerra semeou, lado a lado com inumeras fitas rubras de sangue, milhares de fitas vermelhas da Legião de Honra. Sabemos de intelectuais francezes — escritores, sobretudo — que muito cobiçam a nossa ordem de S. Tiago, só porque a côr da sua fita emblematica se presta a confusões honrosas...

Vejamos quem foram as primeiras mulheres francezas condecoradas com a fitinha rubra. Entre os homens, ha muitos que a conquistaram sem saberem porquê. Entre as mulheres, não! São menos, e por isso muito mais escolhidas. Desde a escandalosa Colette, grande genio literario, á humilde irmã Julia Rigard, de Geobeviller, condecorada, durante a ultima guerra, pelo proprio presidente da Republica Franceza, quantas cruzes bem ganhas á custa das mil cruzes da Vida e do Destino: a cruz do trabalho, a de mil amarguras, a do proprio genio!

A Ordem da Legião de Honra foi criada por Napoleão e limitada, ao principio, a um numero de dignitarios, que não devia exceder o de 2.000. Hoje, esse numero é ilimitado.

A primeira mulher membro da Legião de Honra foi M.^me Schelling, condecorada por Napoleão, em 1808, por ter vibrado seis golpes de sabre, em Jemmapes e em Iéna, onde foi ferida. No entanto, esta condecoração não foi registada na chancelaria da Ordem, onde aparece como primeira legionaria a viuva Brulon, que vestiu o uniforme do capitão Brulon, seu marido, depois da morte deste, batendo-se heroicamente, sendo inumeras as suas façanhas de guerra. Seguiu-se-lhe, como membro da celebre ordem, a irmã Rosalie, que inspirou a figura da irmã Simplicie, dos *Miseraveis*, de Victor Hugo, e salvou muitos colericos, durante a epidemia que devastou Paris, em 1832. Seguiram-se mais umas quatro ou cinco religiosas condecoradas e chega o ano de 1865, em que a cruz da Legião de Honra é pela primeira vez concedida a uma mulher artista. Rosa Bonheur, a celebre pintora, é elevada ao grau de oficial das ordens.

Mas uma das mais celebres condecoradas foi Juliette Dodu, que tinha vinte anos e era telegrafista em Pithiviers, quando realisou o heroico feito que a glorificou. Em 1870, quando os exercitos de Alberto da Prússia entraram em Pithiviers o seu primeiro cuidado foi cercar o correio e o telegrafo. Com iminente risco de morte, Juliette Dodu, quasi sob os olhos do inimigo, durante dezassete noites, não só comunicou com o general d'Aurelles de Paladines, como interceptou varios telegramas alemães, impedindo grandes massacres das tropas francezas. Denunciada ao inimigo, foi presa e estava prestes a ser fusilada quando o principe Frederico Carlos lhe salvou a vida, mandando-a conservar prisioneira até ao fim da guerra. Em 1909, M.^me Dodu era a decana das mulheres condecoradas com a Legião de Honra.

Algumas das primeiras mulheres condecoradas com a Legião de Honra. De cima para baixo: Angelique Brulon (1851), Juliette Dodu, telegrafista (1871), Madame Henry, parteira chefe da maternidade (1895), Madame Gagneur, publicista (1901). Madame de Friedberg, directora da Escola Normal (1899). Em baixo: á direita, Madame Frary-Grass, directora da ambulancia (1883) e, á esquerda, a irmã Marta (1815).

M.^me Fravy Gross obteve a mesma alta recompensa pelos seus serviços de enfermeira, nas ambulancias de Paris, durante a guerra de 1870. Com a condecoração de M.^me de Friedberg, directora da Escola Normal Superior de ensino primario de Fontenay-aux Roses, prestou-se a primeira homenagem ao merito pedagógico das mulheres francezas.

A primeira actriz condecorada foi Marie Laurent, em 1888, mas a cruz de honra foi-lhe imposta mais pela sua dedicação como enfermeira durante a guerra do que pele seu talento historico. Julia Bartet, a grande actriz da «Comédie», e Rose Cavou, incomparavel tragica lirica, foram já condecoradas pelo seu merito artistico.

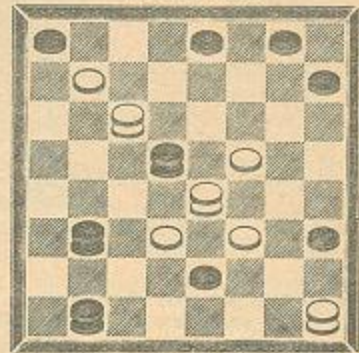
M.^me Dieulafoy, a erudita exploradora da Persia e Caldea, representa o primeiro exemplo da sciencia franceza homenageada oficialmente na figura duma mulher.

Clemence Royer, a grande filantropa, e Daniel Lesueur foram das primeiras mulheres de letras agraciadas. A fita da Legião de Honra é uma fita que não pára de correr, marcando belas «étapes» de audacia, bondade e talento.

solução do problema n.º 83

	Brancas	Pretas
1	14-17	22-13
2	19-23	27-18-11
3	10-21	28-1
4	21-10-16-7	13-6
5	7-2	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 84

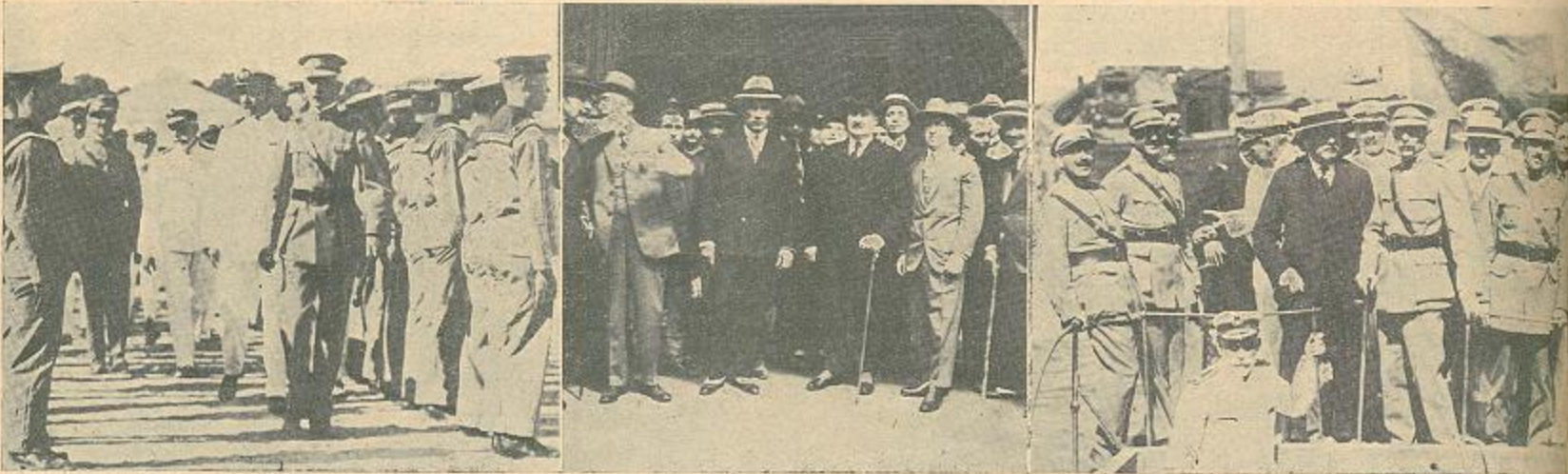
Pretas 3 D e 6 p.

Brancas 3 D e 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 82 os srs.: Armando Pinto Machado (Ilhavo), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica) e Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Rolando Mora, que o oferece ao sr. Guilherme Tibers Ruiz.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

VIDA OFICIAL: — NO ALFEITE — NOVO MINISTRO EM PARIS — PASSEIO NO TEJO

1 O sr. presidente do ministerio e ministro da marinha passando revista aos novos recrutas no Alfeite.—2 O comandante Ochoa rodeado de alguns membros do governo e de numerosos amigos á hora da partida.—3 Os ministros e convidados a bordo do gasolina, apoz a visita ás obras do novo Arsenal.

TORRES VEDRAS EM FESTA

O pavilhão da Escola Agricola de Paiã, no recinto da brilhante feira que Torres Vedras, riden te e progressiva vila, levou a efeito.

O CINEMA EM PORTUGAL

1—Uma das scenas duma nova produção cinematografica ainda inedita e em que aparecem os distintos artistas Maria Emilia Castelo Branco e Carlos Viana.—2—Uma nova companhia cinematografica. Algumas expressões dos principais elementos portugueses que estão filmando sob a direcção do habil «metteur-en-scene» Lino Rufo e do operador portugues Macedo, e que são, da esquerda para a direita: Carlos Arbués, Aida Lupo, Luiz Magalhães, Beatriz Costa e Euriks.

PUBLICIDADE

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

E NA ESTAÇÃO DO ROSSIO

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

PEÇAM

ESTRELLA

A melhor

das cervejas

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE

ARTIGOS DE CAMISARIA

TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA

ATOALHADOS, MALAS

E ARTIGOS DE VIAGEM

CHAPELARIA, ETC., ETC.

SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$50 - SEMESTRE, 26$25
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

As ultimas creações duma grande actriz

Ilda Stichini, no Teatro Nacional, acaba de crear sucessivamente dois papeis admiraveis e antagonicos, nas peças "Os Filhos", e "Se eu quizesse ...". Registamos o exito estrondoso desta jovem actriz, já hoje uma gloria da scena portuguesa.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de Afonso Gayo, Thomaz Colaço, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Lino Ferreira, Henrique Roldão, Norberto Lopes e Leitão de Barros, etc.